

Entrevista com JOÃO QUARTIM DE MORAIS

Entrevistadores IBEC¹

Apresentação | Marcelo Micke Doti

340

Esta primeira entrevista da *quinta* edição da **Revista Fim do Mundo**, que ora se vai ler, foi realizada no dia 16 de junho via plataforma de interação digital e à distância, ou seja, online. Em equipe formada por membros do IBEC, entrevistamos João Quartim de Moraes, professor e ex-diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Para além disso, Quartim de Moraes possui uma carreira docente e de luta social no Brasil reconhecida e importante. No caso da docência, pessoalmente, contei com o privilégio não apenas de ter sido seu aluno, como também seu orientando nos anos passados



no IFCH. Ainda no campo intelectual é um dos fundadores dentro da ANPOF (Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia) do grupo de trabalho (GT) marxismo do qual faço parte por meio de convite dele.

Neste ponto, o intelectual mistura-se inextricavelmente com o homem de “fé e partido” como diria Darcy Ribeiro: na última ANPOF ocorrida em Vitória (ES) nas dependências da UFES nos dizia “quem vive muito vê o que não gostaria”. Fazia referência tanto ao pai de Heitor na *Ilíada*, Príamo, como ao que viria a acontecer: poucos dias depois é eleito em segundo turno eleitoral em 2018, outubro, Jair Messias Bolsonaro, completando um processo continuado de golpe que começara em 2016 com o falacioso golpe sobre a presidenta Dilma Rousseff. Ao proferir essas

¹ Entrevista realizada via aplicativo *Google Meeting*, mediada por Fabio Castro, tendo como entrevistadores Paulo Alves de Lima Filho (Paulo), Adilson Marque Gennari (Adilson), Marcelo Micke Doti (Marcelo) e Fábio Antonio de Campos (Fabio Campos). Transcrição realizada por Manuela Lowenthal e Bernardo Muratt.



palavras durante aqueles dias na ANPOF, Quartim falava especialmente aos jovens e que poderia vir: uma repressão a qual ele viveu e, em jogo, poderia vir a estar não apenas a democracia, nossas liberdades de expressão, de cátedra, de encontros como aquele e de livre debates intelectuais. Poderia vir a estar em jogo a própria vida, bem de raiz, como também nos alertava.

Esta passagem, sua imagem, suas palavras e o tom ao mesmo tempo tenso e aconselhador ilustra bastante bem os rumos do intelectual e professor, acadêmico, nunca divergindo do ator político. Se assim não o fosse não poderíamos dizer, seguindo Leandro Konder em *Memórias de um Intelectual Comunista*: o intelectual é ao mesmo tempo aquele zelador do conhecimento, ciente dos meandros dos conceitos, aquele a atuar dentro do ambiente acadêmico integrado aos seus debates, suas “malandragens” e suas especificidades (conceito e palavra que Quartim sempre nos advertiu, contra as generalizações e o específico das ideias e conceitos). Porém, ao mesmo tempo, não se identificar com a academia como fim em si: atua politicamente, sabe dos seus compromissos sociais e das apostas, das escolhas feitas: o intelectual é esta figura pública, de luta, definido dentro das lutas de classe, mas sem ceder um fio que seja à trama, à urdidura de um tecido da simplificação e da vulgaridade teórica. Quartim é, assim, um intelectual, homem de posições. Tal dimensão de sua personalidade, de sua pessoa, ficará evidente na entrevista abaixo na qual nos fala de sua formação, sua família, suas concepções teóricas e aprendizado, mas, ao mesmo tempo, intervenção política durante a luta contra a ditadura de 1964 (que alguns muito mal-intencionados órgãos de imprensa, por sinal colaborativos com a ditadura, vieram a chamar de “ditabranda”).

As palavras desta apresentação já se estendem por demais. Procuraram ser tão somente uma prévia dos vários pontos e linhas tecidas e abordadas na entrevista; procuramos apresentar todas ligadas neste tecido do ser-intelectual e o significado urgente deste sentido hoje, desta aposta insinuada por Marcuse em *Razão e Revolução*, ao abordar da filosofia de Hegel até a teoria social moderna; como a partir daqui a modernidade irá nos colocar campos de luta explícitos nunca antes vistos dentro das formações socioeconômicas e culturais (retomando novamente Darcy Ribeiro) do ocidente. Quartim e suas palavras servem-nos para inspirar este *ser-intelectual* e a urgência disso para todos os que leem. Portanto, nada melhor do que estas.



| Marcelo | Boa tarde Quartim. Eu havia sugerido duas questões e uma de início era sobre sua formação. Neste sentido não há como não recordar que fui seu aluno. Lembro que eram aulas muito boas sobre Aristóteles e você aproveitava e contava da sua vida para nós, a questão da resistência armada, sua formação cultural, estudar no colégio São Luís. O que eu gostaria é que você pudesse falar disso, da sua formação familiar e cultural. Gostaria, então, que falasse essa questão de família essa formação cultural inicial, ter estudado no colégio São Luís, que é um colégio tradicional, como foi a decisão de ir para a filosofia?

Eu fui educado, com todas as reservas que se possam acrescentar ao termo, no colégio São Luís, isso significava do ponto de vista de meus pais, que tinham renda média, que eram uma burguesia sem posição sólida na ordem capitalista, era um esforço de ascensão social. Não de ascensão social exatamente, pois sobretudo a família do meu pai era decrépita e teve em outras gerações alguma posição melhor no sentido da opressão de classes.

Para mim não foi uma experiência boa, foi útil, aprendi muita coisa. Aprendi a detestar a hipocrisia eclesiástica, aprendi a detestar a bajulação que esses

padres faziam (e continuam fazendo) com os mais ricos, pois era um colégio de gente muito rica. Provavelmente, como eu era um garoto, um adolescente, eu vivi aquilo não com inveja porque o padrão de vida deles nunca me excitou muito, aquilo não me deixou frustrado, mas na verdade revoltado. Nesse ponto foi educativo, ter uma certa distância emocional sobretudo com relação àquela grãfinalha que estava lá. Era um colégio, como dizem os gringos, "over rated". Não era nada extraordinário no ensino, havia melhores colégios para formar aquilo que é importante aprender no ginásio como uma boa formação científica. Eu por exemplo, me ressinto até hoje, na verdade me ressinto faz uns 15 anos, principalmente quando comecei a me interessar seriamente pelo evolucionismo, de uma má formação em biologia. *(Dirige-se a Marcelo)* Lembro de debatermos sobre evolução há alguns anos: você estudou evolucionismo quando jovem, no colegial? *(Marcelo responde afirmativamente citando Carl Sagan)*. Não tem nada a ver com a voga, merecida de resto, da biologia e da ciência hoje, com uma reação medrosa, perante a



pandemia, essa peste negra do século XXI. Esse novo respeito, que espero duradouro, que a ciência e a biologia em particular recebem hoje me fazem mais ainda ressentir minhas molecagens em não dar a devida atenção à biologia no secundário, tive que tentar reparar isso na idade madura.

Nesse caso o Mandetta é bem emblemático, pois é um bolsonarista, mas não é um capacho. Não é um indivíduo com caráter de gelatina, ele achou que iria se promover mais. Era um inimigo do SUS, privatista na medicina. Mas é um sujeito que em uma situação trágica, reagiu bem. A gente vê muitos nesse domínio avassalador que extrema direita e a direita assumiram desde a virada política de 2015-16, você vai encontrar isso também no exército, alguma minoria de generais que dizem "chega, assim não, não estou mais nisso". Porque não tem um cérebro de ostra e um caráter de gelatina. E o Mandetta é isso.

Ao mesmo tempo, houve uma revalorização da ciência em geral e até da universidade. Não sei se isso vai se traduzir em melhores verbas, pois elas estão sendo asfixiadas como todos sabemos, tanto as estaduais, mas



mais ainda as federais. Isso afirmamos não apenas como um refrão de que "queremos mais grana ou orçamento" e que todas as categorias do serviço público lutam para melhorar sua partilha no serviço público, isso é normal. Você está enxergando mais os seus problemas, por mais que você seja sensível aos problemas dos vizinhos. O fato é que as federais estão mais ameaçadas ainda, pois é um projeto mais violento. E aqui esse governador, que também foi um que "melhorou" pois ele era apenas um reacionário de choque. Mas perante essa peste negra do século XXI...

| Paulo | Esse enfrentamento com a dogmática jesuítica, à qual você foi submetido durante muitos anos, em certa medida deve ter levado à sua recusa dela, à radicalidade. Isso de alguma forma te encaminhou a alguma visão de mundo mais crítica que houvesse levado a decisões futuras?

Eu gostaria de responder que sim, essa seria a melhor resposta "Li Feuerbach e compreendi que não foi Deus quem inventou o homem, mas homem que inventou deus e se ele fez isso o fez porque era miserável e Deus era a solução imaginária para sua miséria real

etc.” (risos). Mas não foi isso, o que me deu um sentimento não de inveja, mas de raiva, era a indecente bajulação dos ricos. E em segundo lugar, a mórbida condenação da sexualidade que eles faziam. Eram uns tarados mal resolvidos, provavelmente pedófilos em potencial, senão na realidade. Por exemplo, havia retiros espirituais para explicar o mal da sífilis. Não sei se é geral, há jesuítas melhores que esses certamente. Mas o que eu vi no Colégio São Luís me deixou uma má impressão, sobretudo sobre a morbidez sexual. Não era minha revolta à não adesão dos padres ao movimento socialista, por exemplo. Eu era um pequeno burguês revoltado, não havia conteúdo de classe, eu não tinha noção clara da divisão da sociedade de classes, isso veio mais tarde.

| Paulo | E como se dá esse salto à crítica social?

Isso ocorre naquilo que o ex-governador, bandido, ladrão e cafetão Adhemar de Barros, definia a Maria Antônia como “aquele ninho de comunistas” e eu comecei meu curso de filosofia naquele ninho de comunistas (risos).

| Paulo | Mas o que são os primeiros momentos dessa descoberta que te levam posteriormente à militância?

Não há uma sequência lógica. Não estudei no primeiro grupo de estudo do Capital na Maria Antônia, em torno do Gianotti e do ex-presidente FHC, mas no segundo grupo, que se articulou um pouco antes do golpe de 1964, e foi esse estudo do capital que me deu bases teóricas para construir posições políticas. Mas independentemente disso, quer dizer, não numa relação de causa e efeito, a resistência à ditadura criou um contexto de clandestinidade e da luta clandestina para a luta armada era tudo muito próximo. Claro que havia um fascínio pela revolução cubana, uma convicção exagerada na eficácia das vanguardas, tudo aquilo que mostra os excessos e limites da minha geração. Mas era sobretudo a vontade de resistir à ditadura e de dizer não para aquele horror que eles haviam instaurado no Brasil e disso eu não faço autocrítica.

| Marcelo | No livro do Luís Mir, há uma foto sua, bem jovem, e coloca você como “ideólogo da VPR”. Você poderia comentar isso conosco? Como foi a aproximação com a VPR, poderia nos falar sobre isso?



Em primeiro lugar, como historiador, o Luís Mir é uma figura muito difícil de aceitarmos tudo o que ele diz. Ele era guiado por uma vontade de fazer sucesso e chocar. Por exemplo, eu dei acesso a ele a uma grande quantidade de documentos que acumulei no exílio em Paris, de coisas que não eram necessariamente minhas, mas que amigos e conhecidos iam depositando ao longo do exílio. E lá ele encontrou um documento que dizia que algo como *"a partir do AI-5 os militares estavam acuados e era hora de planejar uma ofensiva"*, e ele passou a atribuir a mim essa frase. Veja, eu fui excluído da VPR pois me opus à deserção de Lamarca, eu nunca subestimei o AI-5, eu afirmava que era o momento de refluir, e isso não é um mérito intelectual meu, estava na cara. Eles estavam dando carta branca aos grupos de extermínio e a tortura sistemática. Então esse é o método do Mir. Mas voltando à pergunta, na VPR acabaram prevalecendo as ideias do Ladislaw Dowbor, hoje economista ligado ao PT, ele era a favor do vanguardismo radical e tivemos confrontos. Houve luta ideológica sim, na VPR, mas nunca fui ideólogo. Isso é uma "gentileza" do Mir (risos).



| Paulo | Por que a VPR especialmente?

Isso entra na fatalidade bruta de nossas vidas. Um sujeito irônico responderia "porque não a VPR?". O fato é que meus contatos estavam ali. Eu tinha bolsa de estudos do governo francês e estava em contato permanente com o grupo de exilados brasileiros, inclusive um ex-dirigente comunista, o José Maria Crispim, depois ligado ao trotskismo e ele tinha muitos contatos. Voltei ao Brasil em fevereiro de 1968 e tinha contato com o grupo que havia rompido com a POLOP e um grupo mais importante de marinheiros e sargentos como o ex-sargento Onofre Pinto. O Onofre Pinto foi homem chave na VPR. Ele era muito respeitado e rearticulou aqueles militares que foram expulsos no golpe militar de 1964. Eu tenho uma visão crítica da ideologia identitária, mas os dois principais dirigentes da luta armada eram negros, o Onofre Pinto e o Marighella que é mestiço. Isso realmente mostra a base popular da resistência armada à ditadura. O Onofre Pinto foi ultrapassado em notoriedade pública pelo Lamarca, mas era o Onofre quem manipulava o Lamarca, no bom sentido, para o bem ou para o

mal. Ele que mantinha o contato com Lamarca enquanto este ainda estava no 2º exército. A eminência de todo esse processo era o Onofre Pinto.

| Paulo | A decisão do exílio se deve a que circunstâncias? E como foi a vivência no exílio?

A decisão do exílio é uma decisão alheia, não foi minha. Eu caí fora porque não queria entrar na máquina de moer carne dos serviços especiais de repressão. E eu saí logo, por causa dessa briga que houve na VPR logo após a deserção do Lamarca, à qual eu me opus. E me deu uma sensação que o Lamarca estava numa sinuca de bico. E eu vi bem como isso se deu, eu estava no centro do negócio. Mas o Lamarca já tinha uma certa noção que não havia estrutura para acolhê-lo e que a deserção seria um ato tão grande para os militares e aquilo seria muito pesado. Ao mesmo tempo ele já suspeitava que poderiam descobrir suas atividades no exército. Mas logo fomos expulsos da VPR, pois éramos opostos a essa operação. E passamos a ter razão, pois começaram todos a ser presos. A pior coisa no movimento clandestino é ter razão... Logo foi preso todo o núcleo dirigente. E a

mim outro grupo de outros 6 ou 7 que estávamos mais visados, organizamos a saída do Brasil por via terrestre. Passamos o mês de março de 1969 organizando a saída, e deixei saírem primeiro aqueles que não tinham muitos contatos e eu saí por último, não deixei o altruísmo fazer eu esquecer de mim mesmo. Fiquei no Uruguai. O exílio não teve nada de escolha. A saída do Uruguai pra França teve algo de escolha, pois tinha amigos lá e contatos. Eu saí do Uruguai em agosto de 1969, e lá o clima já estava piorando, apesar de existirem instituições em algum funcionamento republicano. Sugeriram que fôssemos pro Chile, mas todos achávamos que o Allende não tinha chance de vencer as eleições presidenciais de 1970. Então, como trabalhava com a hipótese equivocada de que a direita venceria no Chile, isso reforçou a minha decisão de ir para França.

| Marcelo | Foram 14 anos na França?

A rigor a anistia ocorreu em setembro de 1979, mas eu só voltei para o Brasil depois pra ver como estava a situação. Mas eu tinha uma situação profissional lá e também o nascimento do meu primeiro filho. Tampouco tinha



interesse de virar francês, não por um dever abstrato de patriotismo, mas predominava ainda a minha relação com o Brasil. A maior parte do meu círculo social era composto de brasileiros. Por mais que pudesse fazer a opção, não quis virar francês, mesmo devendo muito ao partido comunista francês, onde aprendi sobre a política de massa comunista num partido de massa. Eu mantinha uma mentalidade de intelectual revolucionária de extremismo pequeno burguês, que me faziam deixar de ver certas coisas, que advinham da falta de prática com o movimento operário em um país. Por exemplo, eu questioneei um amigo com quem vivi, de por que o *L'Humanité* tinha uma página dedicada a corridas de cavalos. Era uma observação de puritanismo intelectual de esquerda. Ele me respondeu, sem arrogância, que os leitores eram na sua maioria operários e comprar um jornal diariamente era muito dinheiro e eles tinham esse "defeito", essa "fraqueza" de gostar de se divertir um pouco. Eles eram trabalhadores e não heróis. Pequenas lições como essa são importantes para você virar comunista, assimilar a tradição histórica do comunismo, com



movimento operário de massa com perspectiva revolucionária.

| Marcelo | Agora uma questão mais teórica. Nós já conversamos pessoalmente sobre questões teóricas na UNICAMP. E lembro de você soltar uma brincadeira teórica com os lukácsianos que viam ontologia em tudo. Atualmente estou lendo sobre Althusser e psicanálise. Neste sentido, gostaria de perguntar como foi sua aproximação ao Althusser, ao estruturalismo e se existem elementos de resgate ao Althusser hoje.

Eu tenho sobre isso um conhecimento muito profundo do seguinte: é preciso ter consciência dos limites do seu conhecimento. Eu sou um semianalfabeto em psicanálise, embora tenha lido Freud na primeira juventude passando da adolescência para a maturidade. Mas tenho convicção de que não é possível conhecer em profundidade a ideologia sem levar em conta o elemento do inconsciente, que ao mesmo tempo nos remete até a biologia, que é a base dos nossos gostos, sexualidade, isso começa a centenas de milhares de anos atrás. Todos esses sentimentos e pulsões elementares não podem ficar de fora do debate da ideologia, ou vira mero debate de ideias. Ninguém melhor que nós brasileiros de hoje, vendo o que

são esses gabinetes do ódio, esse furor histórico da extrema-direita, para ver que aí “Freud explica”. Mais do que Freud, eu diria, “Darwin explica”. Quero dizer que essa direção é fecunda, mas não sei até que ponto o Althusser levou isso.

Mas quando eu era bolsista na França ele organizou um seminário na faculdade em que era professor, a *École normale supérieure* de Paris, junto com alguns discípulos, intitulado “A filosofia espontânea dos cientistas”. E nesse curso tem uma aula. O que é essa aula? É uma crítica, no sentido filosófico do termo, ressaltando o que é importante e positivo, mas também mostrando os limites ideológicos. Ali ele é bem “estalinista”, diria algum trotskista horrorizado, ele distingue de um modo um tanto didático e meio simplificador, mas não importa. Ele diz: “o lado materialista é o bom”, e ele usa isso para mostrar o qual é o lado materialista do Monod, biólogo da época, ganhador do prêmio Nobel com a obra *“O acaso e a necessidade”*. Ele diz “o que há de positivo em Monod são duas coisas: o ADN (não digo DNA porque estou falando português) e a própria

teoria da evolução” e isso seria importante. Mas ele também destaca um lado idealista, na própria evolução e introduz um finalismo, na vontade de sobreviver. Aí Althusser afirma que ele (Monod) fica retomando Teilhard de Chardin, que era um católico que tentou batizar a teoria da evolução. E isso está nesse livro *A filosofia espontânea dos cientistas*.

| Fabio Campos | No tema de revolução e contrarrevolução, acho que é fundamental entrar no assunto militar. Como fica a questão genética do exército que tinha um componente nacionalista, social e até popular forte, mas que no próprio processo histórico nos anos 30 vai se alterando. O próprio Sodré indica que há uma mutação nas escolas de formação dos oficiais com grande influência do nazismo, a despeito de Vargas ter perdido para os EUA no Estado Novo. Isso também implicou numa americanização da caserna, quando chega 1964 toda a influência da ESG, a doutrina de segurança nacional, que na verdade é uma doutrina de segurança imperial dos EUA, isso influi nessa formação. Eu gostaria que o senhor fizesse um panorama histórico dessas mutações do exército, para entendermos essa dimensão antinacional e antipopular que as forças



militares apresentam hoje no Brasil, com esse governo no qual vivemos.

Eu fiz dois livrinhos pequenos sobre isso, onde discuti essas questões de modo sistemático. Eu vou resumir aqui um pouco. Eu voltei a esse assunto recentemente, pois houve interesse na Argentina sobre o tenentismo, pois esse assunto tem um apelo muito grande, em parte discutível. O que realmente é característico do tenentismo, seja o tenentismo do primeiro levante do forte de Copacabana em 5 de julho de 1922 e suscitou os levantes seguintes que culminaram na Coluna Prestes, embora o Prestes não tenha participado dos dois primeiros levantes. A coluna surgiu no ano seguinte do levante de São Paulo, onde os sobreviventes de São Paulo se juntam ao, então capitão, Prestes. A partir dessa junção começou aquela marcha gloriosa, eles certamente se cobriram de glória.

Mas esse impulso progressista, a defesa das causas generosas no exército, começa bem antes na luta pela abolição. O Clube Militar, que hoje é um antro raivoso de reacionários fachistóides, há mais de cem anos atrás, era um centro de agitação positivista. Existe uma moda de



esquerda de satanizar o positivismo. No Rio Grande do Sul, por exemplo, a primeira constituição do RS, a primeira a reconhecer direitos trabalhistas era rigorosamente positivista. Enfim, esses militares davam apoio e proteção a tribunos abolicionistas sempre ameaçados pelos jagunços de fazendeiros e capitães do mato. Na obra do general Tasso Fragoso, que depois passou ao conservadorismo, ele descreve que naquela época “éramos muito jovens e não se sabia o risco que corríamos e a audácia que tínhamos de defender os comícios abolicionistas das agressões dos donos de escravos”. Também há aquela suplica do Clube Militar à Regente Isabel para não obrigar o exército a servir de capitão do mato para capturar escravos fugitivos. Como toda a transformação revolucionária, a abolição já estava se tornando um fato social, estavam aumentando a fuga de escravos e já havia condições para acolhê-los, e isso perturbava muito os donos de escravos que viam seu capital correr. Temos que lembrar que naquela época, os escravos serviam de hipoteca para os empréstimos bancários que a oligarquia latifundiária buscava.

Temos que ter isso em perspectiva: os interesses sociais fortes que os abolicionistas contrariaram.

Há uma crítica esquerdista de muitos que lembram que não deram terras aos escravos, mas o fato é que, naquele momento, a batalha que foi ganha pela causa emancipadora, é que a abolição foi feita sem indenização aos fazendeiros. E isso é um fato positivo. Foi uma luta muito corajosa, aliás que poupou ao Brasil aquela guerra civil atroz que acabou com a libertação dos negros nos EUA. Ademais, o Domenico Losurdo, que gostava muito do Brasil, lembrava, ironizando a fraseologia liberal-democrática, que “o único momento em que os negros nos EUA não foram objeto de linchamento, foi durante a ditadura militar que a União impôs aos confederados derrotados”. Quando houve uma normalização e terminou esse regime para disciplinar os derrotados, voltou tudo ao “normal”. Linchamentos, reorganização da Klu Klux Klan, e houve mais um século de terror sobre os negros do sul dos EUA.

| Fábio Campos | Eu gostaria que você explorasse mais o tema do nacionalismo

no exército. Esse é um tema muito forte, no primeiro governo Vargas, por exemplo. E isso passa a mudar, com a união anticomunista em 1935, e o alinhamento com os EUA na missão Oswaldo Aranha. Gostaria que você explorasse essas mudanças que culminaram com o golpe de 1964.

1964 foi um expurgo radical, até mesmo os brasilianistas reconhecem, como aquele Alfred Stepan mesmo lembra, que a categoria profissional mais cassada e perseguida foram os militares, milhares de militares. Aí ele explica o porquê toda uma geração de ideias nacional democráticas foram banidas do exército integralmente.

Acho que aí tem uma questão que vale a pena ser estudada atualmente. A última tentativa mais audaciosa de relançar um ciclo de industrialização no Brasil foi sob a ditadura de Ernesto Geisel, isso é um fato histórico, com muitos paradoxos, claro. Reconheceu Angola, virou as costas para os EUA, quis a liberdade do Brasil no campo nuclear de modo que foi uma política externa extremamente audaciosa. A política externa da Dilma, (na qual) todos votamos e (que)



sofreu um golpe de Estado, por exemplo, foi muito tímida em relação a isso.

Antes do expurgo de 1964 já havia uma luta muito forte entre as duas tendências (nacionalistas e entreguistas). Essa luta já era uma tendência da guerra fria e a satelitização do Brasil na política externa dos EUA. Mas eu vejo de modo mais complexo a figura de Getúlio Vargas. Ele tentou o tempo todo não cair nisso. A famosa história da negociação da CSN, por exemplo, ele inverteu a lógica imperialista, jogou com audácia e obrigou os EUA, no sentido diplomático, a fornecer as condições materiais para se instalar a siderurgia de grande porte no Brasil. Portanto, a produção de meios de produção no Brasil. Nessas horas lembro de um amigo meu já aposentado na UNICAMP que fez uma observação muito boa: em 1964 houve um golpe militar cujo objetivo era acabar com a herança da Era Vargas, em 1994 FHC foi eleito presidente, com o objetivo de acabar com a Era Vargas, em 2018 o cleptofascista Bolsonaro foi presidente, deu um golpe muito grande na Era Vargas que foi acabar com o Ministério do Trabalho. Então vemos que o que



de pior teve no Brasil se preocupou em acabar com a Era Vargas. Isso quer dizer alguma coisa, quer dizer a CLT. E a gente critica “ah, mas a CLT é conciliação de Vargas”... Pode até ser, mas era uma conciliação de classe em que havia fortes concessões do capital ao trabalho, impostas pela ditadura de Getúlio Vargas.

Nós, comunistas, assimilamos o horror de 1935, a repressão, mas a verdade é que foi um levante armado violento, foi um golpe revolucionário fracassado. E as piores atrocidades o Getúlio não fez sozinho, a principal responsabilidade dele é ter colocado aquele bandido do Filinto Müller como chefe de polícia. Temos que lembrar que não foi Getúlio que negou o habeas corpus à Olga Benário, ele poderia ter impedido claro.

| Marcelo | Recentemente eu estava ouvindo uma live que dizia como as coisas mudam, por exemplo Roberto Campos, que jamais uma pessoa como Roberto Campos, um neoliberal, privatizaria a Petrobras. Como você tem enxergado a postura dos militares diante deste desmonte?

Em 1977 a Fiesp e a alta burguesia paulista

desencadearam uma campanha anti estatizante que enfraqueceu muito a ditadura. Um dos estatizantes era o Geisel, pois ele era um dos que mais se sobressaia.

Eu voltaria ao tema da importância do Sodré nisso tudo. Em seus últimos textos, ele passa a abordar muito a revolução nacional, e muitos autores estrangeiros também se referem a uma revolução, inclusive o próprio Perry Anderson.

Portanto, foi de fato uma revolução, pois modificou o bloco de classes no poder, abrindo caminho para a industrialização. Esse é o beabá sobre Getúlio.

Mas, o Sodré, quando ele insiste na direita, ele se refere à direita fruto da tal Cruzada Democrática, induzida nas forças armadas e incentivada pela Guerra Fria, e essa conseguiu em 1952 virar o jogo, em função das alternâncias do poder político no Brasil.

Havia uma certa consistência no dispositivo militar do João Goulart, e até a derrubada do Goulart, havia um núcleo forte, progressista, legalista.

Portanto, 1964 teve esses fatos importantes: foi uma virada,

acompanhada de um expurgo tremendo, e isso resultou em algumas consequências, embora não se possa absolutizar essas consequências, porque o exemplo do Geisel na segunda metade da década de 70 comprova que mesmo no auge da ditadura, havia a possibilidade de uma política externa independente voltada à industrialização. Portanto, o quadro era ainda mais complexo.

Eu acho que nesse sentido, há uma certa incapacidade do Lula e da Dilma, pois ficaram lá 14 anos e tinham influencia para rearticular as forças armadas e promover progressistas, e mesmo assim foram pífiros.

Ficaram apenas no discurso de estadista, mas não fizeram nada. Pois o poder público deve sim comandar as forças armadas, mas no bom sentido, no sentido de que as forças armadas sejam leais às instituições republicanas, que haja uma cultura de respeito as instituições.

É verdade também que houve muita insídia por parte dos militares golpistas. Mexendo aqui num jornal de 2017, mais especificamente na Folha de São Paulo, aquela que descobriu o sentido de "ditabranda".



Então, esse jornal mostra o General Vilas Boas, foi esse que articulou o golpe de 2016. Mas o que nós temos é isso, gente coberta da retórica institucional que articula golpes. Foi um golpe insidioso sim, mas faltou também atenção do governo das presidências petistas, que poderia ter evitado tudo isso. Com exceção do Celso Amorim, todos me desapontaram.

| Paulo | Afinal, o que é a revolução brasileira? O que seria para você após a sua longa experiência e leitura, a revolução brasileira.

Talvez eu desaponte você dando uma resposta aparentemente insignificante demais. Mas eu vou fazer uma tese filosofante. Pensando na dialética da continuidade e da ruptura, de que é feita a trama da história, nós chamamos de revolução momentos de transformação concentrada; ela não precisa ser sangrenta, mas deve ter uma mudança do poder político, imprimindo uma linha nova de mudança. Então eu considero a revolução de 1930 uma revolução nacional de conteúdo industrialista, que abriu caminho para o pleno desenvolvimento capitalista do Brasil; ele seria pleno se



dependesse da política do Getúlio. O Brasil estava desenvolvido em relação a outros nos anos 50, mas depois ele perdeu o bonde, foi um atraso relativo. Mas até 30 anos atrás, o Brasil era comparado à China.

Eu acho que a revolução que vem pela frente é socialista. Não precisa ser uma tomada do palácio do governo, mas alguma coisa assim, pois sem o poder político não se desenvolve uma revolução. Mas é evidente que essa revolução vai ser socialista e deve começar com um programa nacional de desenvolvimento com forte atuação do setor público, assim como uma reforma apurada no mundo do trabalho. É um processo. Isso depende de como a direita vai atuar, como ela vai tirar o Bolsonaro, pois não tem dúvidas que ele a está de fato incomodando. Ele é um fracasso perigoso. E em caso de uma vitória de um candidato de centro-esquerda, há a possibilidade de um golpe. Mas há também a possibilidade de uma vitória do Lula, que vai representar uma derrota da direita, abrirá espaço para uma nova experiência de avanços sociais que não apresentará a limitação da experiência petista. O fato é que a experiência petista foi

bastante limitada. Foi importante porque melhorou as condições salariais, mas foi muito mais limitada do que nós esperávamos.

|Adilson| Eu gostaria de fazer uma colocação breve. Eu fiz o meu mestrado sobre Roberto Campos, e o que eu gostaria de dizer é que o Roberto Campos tem pouca comparação com o governo atual, veja bem, ele estudou Sociologia, Historia, Filosofia e só depois de estudar Economia nos Estados Unidos que ele virou um conservador. Então, ele é um desenvolvimentista conservador, e o governo atual é um “destrutivista” conservador, e isso é muito diferente. Apesar de Roberto Campos ser a favor do golpe e ser autoritário, a ideia dele era de aplicar um desenvolvimento econômico de caráter conservador, mas agora estamos vivendo uma destruição de caráter superconservador. Então, ainda é um fenômeno que precisamos estudar: o fracasso da extrema direita no Brasil, e de alguma forma, nos EUA também.

Mas as minhas questões que eu gostaria de colocar aqui são outras. Vindo mais pro campo da Geopolítica internacional: diante desta tendência da China de se transformar na maior economia do mundo, se já não é, principalmente em relação à sua tecnologia militar. Como o senhor vê essa nova geopolítica que está sendo redesenhada no mundo por parte de um país comunista como a China,

como você vê essa nova configuração mundial sob a hegemonia da China sob os Estados Unidos, ou talvez uma hegemonia compartilhada com os EUA e a Rússia.

Vendo o assunto a partir de nossa condição brasileira, a mudança em relação a trinta anos atrás é radical. A mudança da relação de forças é radical.

A China passou de uns tempos para cá por uma forte transformação. A civilização chinesa mudou bastante, existem cidades maravilhosas. Esse prodigioso desenvolvimento da economia chinesa mudou radicalmente o cenário internacional.

O jornal *Le Monde* sintetizou bem a situação trinta anos atrás em uma manchete: “A OTAN dona do mundo”. A imprensa do capital, quando diaboliza o Putin e o Estado Russo é por uma única razão: a relação entre a China e a Rússia cria uma força implacável e se torna uma grande ameaça. A China sempre foi uma ameaça, e essa aliança entre a China e a Rússia é algo mais ameaçador ainda.

Por muito tempo, a China foi marginalizada. Mas a China também teve um lado barra pesada na política externa. Porque



esse lado? Porque era uma política que consultava basicamente os interesses nacionais do Estado chinês.

Mas o que eu quero dizer aqui é que a reaproximação entre a China e a Rússia encorajou Putin a defender a Síria, pois vocês viram o que foi essa guerra da Síria, foi o Putin e os patriotas sírios (que) detiveram a máquina mortífera da OTAN.

Mostra que a relação de forças em escala internacional mudou.

| Adilson | Um detalhe que eu gostaria de lembrar, é que quando os EUA, junto com o Brasil, planejava recentemente uma intervenção na Venezuela, a Rússia mandou um monte de aviões de caça e tropas, e rapidamente a ideia dos EUA de intervenção sumiu (risos).

Minha outra pergunta é, diante desta nova geopolítica que está se desenhando no mundo e levando em conta que os partidos comunistas sempre tiveram uma influência bastante expressiva nos movimentos sociais, como o senhor vê essa influência dessa China nova nos movimentos comunistas da América Latina?

E isso me remete a outra questão: estamos mais próximos a uma aliança à esquerda e ao centro ou a uma ditadura de extrema direita?



Os efeitos da China são claros, não tenho muito a dizer. É evidente que a posição da China pesa em todas as classes sociais e em todos os meios, ao mesmo tempo seria errado esperar da China, esperar qualquer intervenção; a política deles é se afirmar pelas relações econômicas e comerciais basicamente, a ideologia não está mais no posto de comando, pois o tempo é outro.

No tempo do Mao Tsé Tung era diferente, mas hoje isso não cabe mais. A China, hoje, tem sim uma orientação comunista, porém seu maior intuito atualmente é o desenvolvimento acelerado das forças produtivas, principalmente das forças técnicas científicas. Isso é impressionante, a massa de produção de riquezas, essa é a propaganda do socialismo deles.

A China se impõe politicamente focando indiretamente no poder econômico.

O Brasil peca muito atacando a China. Pois a China tem meios de pressão muito grandes. Ainda mais com a aliança entre a China e a Rússia.

Os EUA deixando de ser a grande potência mundial, abre espaço para outros vários tipos de

negociação. Mas na hora que os EUA assustam muito, eles voltam a atacar. Mas se a China se consolidar juntamente com a Rússia, eu pessoalmente acredito que isso se tornará muito consolidado e a tendência é a Rússia também voltar a fortalecer o partido comunista. Eu pessoalmente me identifico politicamente com o partido comunista da Federação Russa, eu avalio o Putin como um fator positivo no cenário internacional. E tenho total consciência que o ódio sistematicamente alimentado ao Putin pelos meios de comunicação é sintomático, eles sabem exatamente quem devem prejudicar. E esses fatores pesam.

A Rússia não está preocupada em se dedicar a criticar ninguém, pois ela não tem mais um inimigo específico.

O cenário atual do Brasil é primata politicamente, não sabem o que estão fazendo ao negar negociar com a China. Mas só de dispensar esse ignorante, maluco, boçal, responsável por esse genocídio, já seria algo importante. Pois sabemos bem que o imenso número de mortos se dá pela incapacidade de governança política deste presidente. O mais criminoso é

sabotar a política do isolamento, coisa que foi protagonizada por este homem, assim como a negação da vacina.

|Marcelo| Se eu não me engano, você processou o Olavo de Carvalho. Isso é verdade?

Sim, mas esse cara é desprezível. Tratar com ele é degradar-se. Ele está tão acostumado com o meio em que ele vive, como as baratas ao esgoto.

|Fabio Campos| Tenho uma pergunta, que na verdade é uma curiosidade. Gostaria de vincular este debate ao Brasil pensando na revolução nacional. A China passou por uma Revolução Nacional, baseada principalmente em um forte nacionalismo. O senhor escreveu um artigo sobre o programa Democrático Burguês e neste artigo recupera três questões fundamentais: interpretação do imperialismo, da questão agrária e o método do marxismo para entender a questão brasileira.

Gostaria de saber qual é a atualidade deste debate, principalmente em relação à Revolução brasileira, que atualmente pouco se fala.

Bom, muito desse enfraquecimento programático da esquerda brasileira está ligada com a hegemonia do PT sobre o pensamento de esquerda, e o



enfraquecimento do marxismo como instrumento metodológico de análise da realidade.

A pergunta sobre o imperialismo é difícil, pois não tem como garantir que a China se comporte de forma imperialista. O que importa é avaliar a lógica objetiva de determinada situação. Tanto a China quanto a Rússia se preparam para um confronto militar que pode ser desencadeado, pois há sempre essa possibilidade.

Na China há um interesse no marxismo científico, mas sempre no plano acadêmico. Eles retiraram a ideologia o quanto puderam das suas ações políticas práticas, ações do Estado, mas é claro que sempre há ideologia.

Sobre o Brasil, eu penso que deveria mobilizar os recursos públicos para promover um novo ciclo de desenvolvimento industrial com forte investimento na ciência. Isso não é utopia, não está ao alcance agora, que estamos com esse governo de extrema direita que é um fiasco,

um cenário muito perigoso de quase guerra civil. Mas logo isso poderá ser possível.

É preciso não ceder a nenhuma chantagem.

Sobre o desdobramento do Movimento Agrário tem características muito interessantes. O MST tem caráter revolucionário, nos limites da reforma agrária avançada. Acredito que o Caio Prado errou em negar a importância da reforma agrária. Acredito que a reforma agrária deve ser um dos principais objetivos.

Por isso é importante se formar um governo democrático com forte apoio popular que não descuide de controlar a máquina militar. Agora está difícil, mas de qualquer maneira é possível enfrentar e controlar o intervencionismo das cúpulas militares, não desperdiçando uma relação de forças favorável. | FIM |

São Paulo / Campinas, junho de 2021

